

OS ESTUDOS EM SINTAXE DIACRÔNICA NO BRASIL: UM BALANÇO CRÍTICO

STUDIES ON DIACHRONIC SYNTAX IN BRAZIL: A CRITICAL REVIEW

Marco Antonio Rocha Martins | CNPq | [Lattes](#) | marcomartins.ufsc@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Silvia Regina de Oliveira Cavalcante | [Lattes](#) | silviare@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo traz um panorama dos estudos em sintaxe diacrônica no Brasil, que aliam a Teoria da Variação e Mudança com a Teoria Gerativa no estudo da mudança linguística. Apresentamos as linhas principais dos modelos de mudança sintática, o modelo da Sociolinguística Paramétrica e o modelo da Mudança pela Competição de Gramáticas. Além disso, abordamos alguns dos resultados de pesquisa para fenômenos sintáticos amplamente estudados no Brasil, como a ordem dos constituintes, a posição do sujeito e a colocação pronominal. Mostramos como cada um dos modelos interpretativos trata os fenômenos elencados. Por fim, apresentaremos os artigos que compõem o volume 22, número 2, da Revista *Working Papers em Linguística*, que trata de estudos de sintaxe diacrônica.

Palavras-chave: Sintaxe diacrônica; Sociolinguística Paramétrica; Competição de gramáticas.

Abstract: This paper aims to provide a panoramic view of diachronic studies in Brazil, taking into account two theoretical models of analyzing language change: The Theory of Variation and Language Change and the Generative Theory. We present the main principles of analyses of the Parametric Sociolinguistics model and the Grammar Competition model for language change. Besides that, we take into account some results of a group of syntactic phenomena, such as word order, the position of subjects and clitic placement. At last, we present the papers that are in the 22th volume, n. 2, of *Working Papers in Linguistics*, which considers studies in language change.

Abstract: Diachronic syntax; Parametric sociolinguistics; Competition of grammars.

1 Introdução

A mudança linguística sempre foi um questionamento dentro dos estudos sobre as línguas humanas, principalmente com os neogramáticos e com o método histórico-comparativo, muito vigente no século XIX e que foi crucial para entender a formação das línguas europeias (FARACO, 2005). Com Saussure, o pai da linguística moderna, o estudo da mudança linguística ficou restrito à diacronia, que, para ele, era uma sucessão de sincronias (PAIXÃO DE SOUSA, 2006); e os estudos de mudança linguística ficaram relegados a segundo plano. Foi só com a publicação do hoje clássico *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Variação e Mudança linguística*, de Weinreich, Labov e Herzog (WLH), em 1968, que se instaurou no cenário da linguística mundial um programa de investigação da variação linguística como motivadora da mudança nas línguas naturais. O texto seminal de WLH, respaldado no pressuposto central de que toda mudança é sempre e necessariamente o resultado de um processo de variação sistemática, no qual formas linguísticas variantes assumem valores sociais diferenciados, dá nova forma aos estudos de mudança linguística. O fato empiricamente observado de que as línguas mudam ao longo do tempo foi amplamente debatido pelos comparatistas históricos e pelos neogramáticos já na linguística do século XIX. No entanto, a sistematização teórica e a formalização da regra variável como pressuposto necessário e constitutivo de um processo de mudança se dão a partir da publicação de WLH, teoria que se assenta nos estudos sobre a geografia dialetal e a sociolinguística e toma corpo nos estudos posteriores de William Labov.

A obra de Labov, ao trazer fatores sociológicos para o centro do estudo da mudança linguística, busca conciliar questões internas à língua (i.e. fatores de ordem estruturais) a questões sociais na investigação da mudança linguística. A Teoria da Variação e Mudança linguística (TVM) praticada por Labov e seguidores se assentou em análises de fenômenos fonéticos e fonológicos, a exemplo dos seus trabalhos pioneiros sobre a centralização da vogal nos ditongos [ay] e [aw] no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard (LABOV, 2008 [1972]) e sobre a estratificação social da pronúncia do /r/ no inglês falado em Nova Iorque (LABOV, 1982).

Como muito bem nota Duarte (2016), ao contrário dos estudos de Labov sobre as variedades do inglês americano, as quais estiveram muito fortemente centradas em fenômenos da fonética e da fonologia, no Brasil, os estudos pioneiros foram sobre fenômenos morfossintáticos. Observem-se, por exemplo, os trabalhos sobre (i) as estratégias de relativização (MOLLICA, 1977), (ii) a representação do acusativo anafórico (OMENA, 1978), e (iii) a concordância nominal (BRAGA, 1978; SCHERRE, 1978). Nessa dire-

ção, se nos EUA a sociolinguística variacionista encontra terreno fértil para o estudo de fenômenos fonético-fonológicos, no Brasil, fenômenos morfossintáticos são priorizados desde a década de 1970. Cabe notar que, já no início da década de 1980, os estudos sobre a ordenação de constituintes desenvolvidos por Eunice Pontes e por Sebastião Votre e Anthony Naro estão predominantemente voltados a fenômenos morfossintáticos acerca de aspectos da gramática do português brasileiro.

Com o objetivo de delinear um balanço crítico dos estudos que articulam pressupostos da TVM e da Teoria Gerativa¹, defendemos, neste artigo, que os estudos em sintaxe diacrônica desenvolvidos no Brasil se apresentam em duas fases: **a sociolinguística paramétrica e a competição de gramáticas**. É importante dizer que essas fases não seguem propriamente uma sucessão temporal nem se sobrepõem; ao contrário, como ondas, criam um contínuo atemporal de realinhamento teórico, quer na TVM quer nos modelos gerativistas para o estudo da mudança gramatical. A primeira dessas fases, a sociolinguística paramétrica, ou variação paramétrica, assenta-se na proposta defendida por Fernando Tarallo e Mary Kato (2007 [1989]), cujos pressupostos estão reunidos no texto-manifesto “Harmonia transistêmica: do inter ao intra linguístico”. A segunda fase, a competição de gramáticas, tem sua fundamentação no texto seminal de Anthony Kroch (1989), “Reflexes of grammar in patterns of language change” e tem sido assumida nos trabalhos realizados e orientados por Charlotte Galves acerca da mudança linguística via competição entre as gramáticas do português. Esses estudos levantam questões teóricas sobre fenômenos em mudança sintática que implicam diferentes gramáticas e propõem uma outra maneira de se considerar a variação e a mudança sintática pós-laboviana, ao articularem os postulados da TVM com a Teoria Gerativa (CAVALCANTE, 2006; MARTINS, 2009; MARTINS; COELHO; CAVALCANTE, 2015).

Além de traçar um balanço crítico sobre a área de investigação em sintaxe diacrônica, este artigo também é uma apresentação do volume 22, número 2, da *Revista Working Papers em Linguística* e está organizado da seguinte forma: na seção 2, trazemos um balanço da sociolinguística paramétrica, sobre os pressupostos teóricos e metodológicos e alguns resultados de pesquisa na área; a seção 3, sobre competição de gramáticas, traz os embasamentos teóricos desse modelo de análise e alguns resultados de pesquisa dentro desse modelo teórico.

¹ Uma revisão das questões teórico-metodológicas da Teoria da Variação e Mudança Linguística em interface com o gerativismo e com o funcionalismo linguístico pode ser encontrada em Görski e Martins (2021).

2 A sociolinguística paramétrica

A Sociolinguística Paramétrica, denominada um “projeto herético” por Kato (1999), surge a partir do artigo seminal de Tarallo e Kato (1989 [2007])², em que os autores defendem uma conciliação entre a variação paramétrica interlinguística (ou entre diferentes línguas), da Teoria Gerativa, e a variação intralinguística, da sociolinguística laboviana. No texto-manifesto, defendem que empreenderão,

[...] sim, um novo caminho: aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento, seja para realinhar um modelo em função do outro. Acreditamos, assim, num direcionamento mútuo entre a variação intra- e intrelinguística, enfim: na harmonia transistêmica. (TARALLO; KATO, 2007 [1989], p. 16-17).

A predição dos autores parece ter se confirmado, pois as pesquisas realizadas por um grupo orientado por eles não apenas mostram um quadro de mudanças sintáticas no português brasileiro (PB), mas instauram um realinhamento entre questões teóricas para o estudo da mudança sintática no âmbito da TVM e da Teoria Gerativa (ver, por exemplo, ROBERTS; KATO, 1993; GALVES; ROBERTS; KATO, 2019).

A título de ilustração, buscando exemplificar o modelo de análise que embasa a interpretação da mudança sintática na sociolinguística paramétrica, retomaremos os resultados de dois fenômenos sobejamente descritos no português dos séculos XIX e XX: a inversão do sujeito e a colocação dos pronomes clíticos.

Sobre os padrões de ordenação do sujeito, os estudos de Berlinck (1989, 1995), Coelho (2006), Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (2006), Coelho e Martins (2009), Berlinck, Coelho, Cyrino, Duarte e Martins (2016) e Berlinck e Coelho (2018), entre outros, mostram que a ordem Sujeito-Verbo na diacronia do português brasileiro tem se tornado enrijecida em contextos transitivos (cf. (1) e (2), a seguir), salvo em construções com verbos inacusativos, conforme (3).

- (1) Eles tavam fazendo uma entrevista. Boa mesmo, assim, de colocar questões. Daí até que uma hora [O CARA] **perguntou** sobre propriedade (BERLINCK, 1988, p. 50).

² Como lembra Duarte (2019), a proposta trazida por Tarallo e Kato (1989) concretiza a proposta de Tarallo em um texto publicado em 1987.

- (2) A história dela é assim: ela vincula com alguém e as pessoas passam ela pra frente [...]. **[A MÃE DELA]** pôs ela num orfanato.

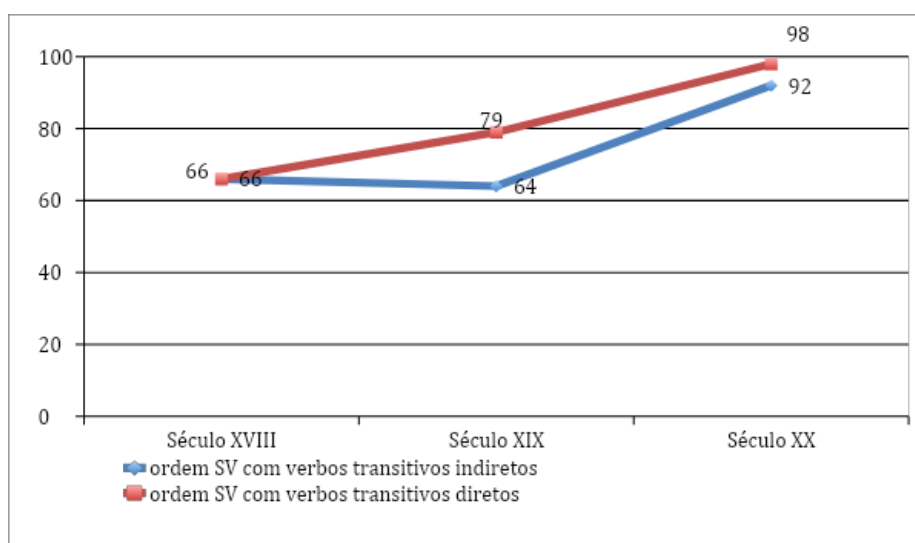
(BERLINCK, 1988, p. 51).

- (3) Você luta contra a natureza, né? Porque você faz um cálculo aí prum.../pruma barragem pruma vazão X. Você já joga Y na vazão. E ainda su/supera Y. **Cai [A BARRAGEM]**. Você que é... taxado, né? Você que é o culpado.

(BERLINCK, 1988, p. 48).

Berlinck (1988), a partir da análise de cartas dos séculos XVIII e XIX e da segunda metade do século XX, documenta a evolução da ordem SV em sentenças com verbos transitivos na escrita brasileira, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Frequência (%) da ordem Sujeito-Verbo em sentenças com verbos transitivos em português



Fonte: Adaptado de Berlinck (1988, p. 102).

Os resultados deixam claro que a frequência de SV aumenta significativamente em sentenças com verbos transitivos: de 66% no século XVIII para 92%/98% no século XX. Controlando a correlação entre SV e os condicionamentos que favorecem a posposição do sujeito – a ordem VS –, Berlinck (1988) constata que as variáveis internas que atuam no licenciamento da ordem VS nos três séculos são diferentes. Em textos do século XVIII, condicionam VS, nesta ordem de relevância: **1) o status informacional do sujeito**; 2) a

realização do sujeito; 3) a distinção aspectual operação-resultado; e 4) o tipo de predicator. Em textos do século XIX: 1) o tipo de predicator; 2) a realização do sujeito; e 3) o estatuto da oração. Em textos do século XX: 1) **a transitividade do verbo**; 2) a realização do sujeito; 3) a animacidade do sujeito; 4) a distinção aspectual operação-resultado; e 5) a concordância verbal. Tal resultado, segundo Tarallo (1991, p. 18, grifos nossos), é um

[...] claro exemplo de mudança qualitativa no sentido de ruptura estrutural, isto é: enquanto um fator de natureza notadamente funcionalista explicava a ordem sujeito-verbo no português brasileiro do século XVIII [o *status* informacional do sujeito], um fator de natureza sintática [a transitividade do verbo] aparece como o grande condicionador da ordem verbo-sujeito no português brasileiro do momento [do século XX].

A ruptura estrutural que se manifesta nos padrões de inversão do sujeito nos três séculos faz referência a **três fases de um sistema/de uma gramática** – o português brasileiro – **no contínuo temporal**. A interpretação desse resultado assumida nos estudos de Berlinck (1989) e Tarallo (1991) faz referência a um português brasileiro do século XVIII e a um português brasileiro do século XX. Em outras palavras, faz-se referência aqui à implementação da mudança associada à sua propagação – nos termos da proposta da sociolinguística variacionista – e não à sua origem³.

De igual modo, muitos estudos atestaram alterações significativas nos padrões de colocação dos pronomes pessoais clíticos – em ênclise ou próclise – na diacronia do português brasileiro. Tais alterações estão visivelmente associadas a ambientes de *variação diacrônica*, como define Martins (2018), com base em A. M. Martins (1994) e Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005): orações com um único verbo, não precedido de elementos atratores, conforme exemplos em (4)-(7):

- (4) Verbo precedido de sujeito

Vocês se lembram daquela musiquinha que diz assim: Choveu, choveu
Choveu Canasvieiras encheu Quando chove. (R34001).

- (5) Verbo precedido de sintagma preposicional

No armazem de Henrique Schutel vende-se milho a 1:280 réis o saco.

³ Para uma discussão sobre o problema de implementação à luz da sociolinguística paramétrica e no modelo de competição de gramáticas, ver Martins (2013).

- (6) Verbo precedido de advérbio

Minha filha tomou 18 frascos [de] Peitoral de Cambará e **hoje acha**-[se] completamente restabelecida.

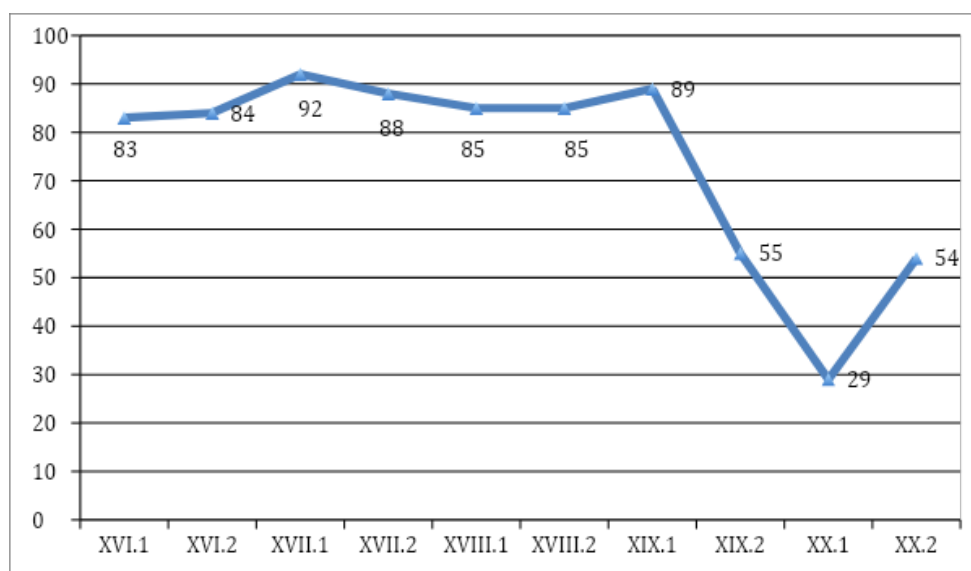
- (7) Verbo precedido de oração subordinada

Atendendo ao seu longo passado, cumpre nos todavia levar ao conhecimento de Vossa senhoria que não podemos mais evitar a explosão do nosso operariado que esta se manifestando profundamente desgostoso com a atitude do Senhor Neitsch.

(MARTINS; COELHO; CAVALCANTE, 2020, p. 5).

Pagotto (1992) e Lobo (1992) foram os primeiros pesquisadores brasileiros que apresentaram uma análise diacrônica da ordenação dos pronomes clíticos no português escrito no Brasil. A partir da análise de textos dos séculos XVI ao XX (cartas, documentos notariais e textos literários), Pagotto (1992) mostra que a próclise em ambientes de *variação diacrônica* cai significativamente na segunda metade do século XIX, conforme podemos identificar na Figura 2:

Figura 2 – Frequência (%) de próclise em orações finitas não dependentes com verbos simples em português



Fonte: Adaptado de Pagotto (1992, p. 69).

Assumindo o quadro teórico da sociolinguística paramétrica, Pagotto (1992) interpreta a significativa queda na frequência da próclise – de 89% na primeira metade do século XIX para 55% na segunda metade e, ainda, para 29% na primeira metade do século XX – como **uma fase do português brasileiro** que sofre uma influência direta dos padrões enclíticos da norma lusitana da gramática do português europeu. Na passagem do século XIX para o XX, as alterações nas frequências de próclise estariam associadas a **diferentes estágios de um processo de mudança em curso no português brasileiro**, que o diferenciaria do português europeu.

Nos estudos em sintaxe diacrônica à luz da sociolinguística paramétrica, as alterações empíricas no contínuo temporal referentes à ordem do sujeito e à colocação dos pronomes pessoais clíticos são **instâncias de diferentes estágios de um processo de mudança sintática no português brasileiro**. As alterações nas frequências de uso são interpretadas como característica de um processo de mudança em si. Nesse sentido, quando se observam na empiria as alterações para uma ordem SV mais rígida e para a próclise em ambientes de variação diacrônica, por exemplo, esse quadro é interpretado como **alterações paramétricas – quantitativas e qualitativas, numa “harmonia transistêmica” – em diferentes estágios na gramática do português brasileiro**. Estudos que assumem a sociolinguística paramétrica defendem, portanto, que um processo de mudança sintática está associado a diferentes estágios nos quais são observadas alterações nas frequências de uso, muitas vezes, de um único fenômeno gramatical em diferentes fases ou estágios de uma mesma gramática.

3 A competição de gramáticas

Antes de mais, é importante registrar que entendemos que a articulação entre a TVM e a Teoria Gerativa não se deu apenas no sentido de que a Teoria da Variação e Mudança buscou na Teoria Gerativa categorias de análise para a busca de condicionamentos linguísticos de processos de mudança. Do profícuo trabalho nessa articulação, o desenvolvimento de teorias da mudança sintática no âmbito do gerativismo se consolidou e apresenta hoje novos significados aos famigerados “problemas empíricos” necessários para o estudo da mudança linguística, como postulados em WLH. E mais: o que observamos nos estudos em sintaxe diacrônica não se trata, nem de longe, de um casamento entre uma teoria da mudança e uma teoria linguística para o estudo das categorias linguísticas em análise no levantamento das restrições e dos condicionamentos da mudança, a Teoria Gerativa. Nos estudos em sintaxe diacrônica, temos observado uma articulação entre teorias da mudança nas quais velhos “problemas” são reinterpretados em diferentes modelos teóricos.

A articulação da TVM e da Teoria Gerativa na segunda fase dos estudos em sintaxe

diacrônica no Brasil toma o modelo de competição de gramáticas proposto por Anthony Kroch (1989; 2001) e colaboradores no quadro teórico da gramática gerativa. Esse modelo tem sido adotado pelo grupo de pesquisa coordenado por Charlotte Galves, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e também por outros pesquisadores no Brasil, ainda com influência da autora. Muitos e interessantes resultados acerca das gramáticas do português no curso dos séculos XXI ao XX têm sido encontrados, e velhos resultados têm sido reinterpretados dentro do modelo de competição de gramáticas. Muitos desses estudos têm, no entanto, se centrado no modelo de competição de gramática sem buscar uma articulação teórica com os postulados da TVM. Esse empreendimento, que assumimos aqui caracterizar uma segunda fase nos estudos em sintaxe diacrônica no Brasil, traz uma proposta de interação entre os postulados de ambas as teorias, desenhando um modelo de mudança sintática no âmbito da TVM pós-laboviano (ver, sobretudo, os estudos de CAVALCANTE, 2006; MARTINS, 2009, 2012; MARTINS; COELHO; CAVALCANTE, 2015).

De acordo com o modelo de competição de gramáticas, a observação na alteração na frequência de uso de determinado fenômeno sintático não pode ser interpretada como resultado de uma mudança gramatical em si e por si. Antes, pode ser o reflexo de uma mudança gramatical, isto é, sintática/estrutural, no sentido de que, quando um parâmetro na gramática for alterado, a mudança pode se refletir em diferentes fenômenos superficiais. Para usar o mesmo termo a que se refere Tarallo (1987, 1991) em suas publicações, uma mudança qualitativa no sentido de ruptura estrutural gera uma nova gramática, e essa mudança é, necessariamente, abrupta no período de aquisição.

A compreensão da mudança sintática via competição de gramáticas tem se mostrando um campo fértil para a observação da mudança sintática em sua origem e propagação. Abre-se, nesse sentido, um campo fértil de trabalho em busca de respostas aos problemas empíricos de “encaixamento” e “propagação” no estudo da mudança nos domínios da sintaxe. A variação de frequência que observamos nos dados é interpretada com a existência de gramáticas em competição: seguindo o princípio gerativista de que uma gramática não gera formas variáveis nos mesmos contextos, a variação é explicada como sendo variação entre gramáticas distintas. Assim, a gradualidade que é vista quando uma forma ou uma estrutura sintática substitui outra ao longo do tempo é interpretada como a existência de duas gramáticas. Nesse sentido, a mudança paramétrica é entendida como abrupta, mas a substituição de uma gramática pela outra é vista de forma gradual. Isso é importante para entender a implementação da mudança, que ocorre no início de uma curva de mudança na alteração de frequência, e não quando a curva está concluída.

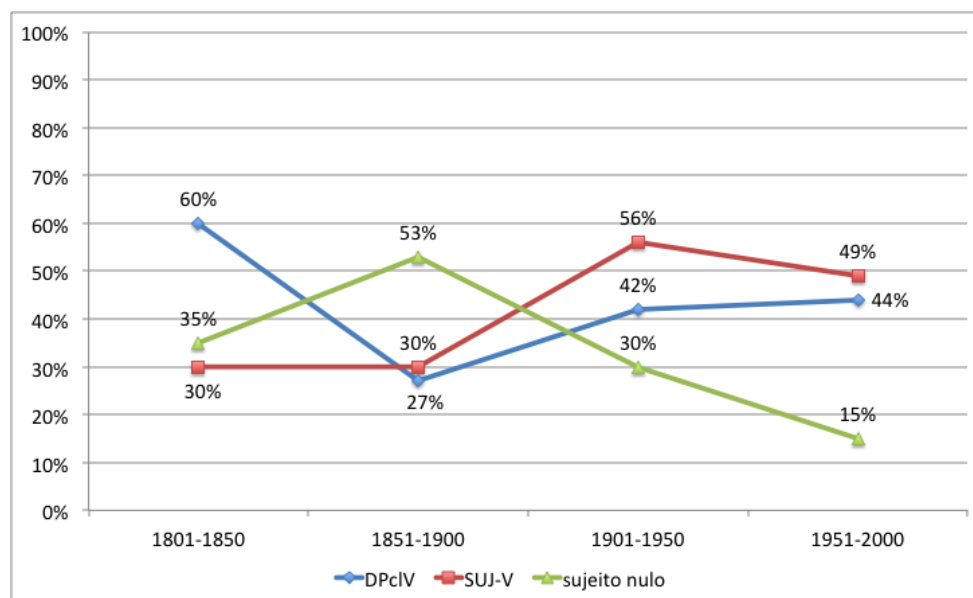
Entendemos que a gradação na frequência de uso de diferentes contextos superficiais pode ser o reflexo de uma mesma (ou única) mudança paramétrica estatisticamente

observada em conformidade com a *Hipótese da Taxa Constante*, tal como proposta por Kroch (1989). Essa hipótese revela que a gradação empírica entre formas variantes no contínuo temporal não pode ser tomada como uma mudança sintática ou gramatical, mas, antes, como o reflexo de uma única mudança gramatical, no sentido de uma ruptura estrutural na fixação de um ou mais parâmetros na gramática da língua. Nessa linha de raciocínio, o conjunto de contextos que muda ao mesmo tempo na gramática de uma língua não é definido pelo agrupamento de uma propriedade superficial, como o aparecimento da ordem SV ou a próclise, para retomarmos os exemplos do português brasileiro, mas pela alteração na fixação de um parâmetro na língua.

Retomamos os dois fenômenos ilustrados anteriormente na diacronia do português brasileiro – a ordem SV e a colocação dos pronomes clíticos – e a ordenação de constituintes para ilustrar as propriedades de uma análise em sintaxe diacrônica segundo os pressupostos da competição de gramáticas.

Martins, Coelho e Cavalcante (2020), a partir da análise de textos jornalísticos brasileiros e cartas pessoais dos séculos XIX e XX, mostram resultados do processo de mudança na ordem SV e na colocação de clíticos pronominais em ambientes neutros, conforme exemplos em (4)-(7) deste artigo, retomados apenas nas orações com sujeito DP. Na Figura 3, apresentamos os resultados obtidos em textos jornalísticos.

Figura 3 – Frequência (%) de próclise em contextos ([XP])[DP]V, ordem SV e realização do sujeito em textos de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX



Fonte: Martins, Coelho e Cavalcante (2020, p. 8).

Com base nos resultados empíricos, os autores defendem uma correlação sintática entre os dois fenômenos na escrita brasileira dos séculos XIX e XX. Na interpretação dada, “textos da primeira metade do século XIX refletem propriedades de uma gramática do tipo-V2 e sujeitos nulos com próclise em contextos ([XP])[DP]V”, tal qual o português Clássico (PCI), e em “textos a partir da segunda metade do século XIX, evidenciam-se propriedades [inovadoras] de uma gramática do tipo-SV, com sujeitos lexicalizados e próclise em ambientes ([XP])[DP]V”, como PB.

Diferentemente do que defendem Pagotto (1992) para a evolução da próclise e Berlinck (1989) e Tarallo (1991) para a evolução da ordem Sujeito-Verbo, Martins, Coelho e Cavalcante (2020), mesmo considerando textos escritos por brasileiros nascidos ao longo de dois séculos apenas, argumentam que as alterações na frequência de uso de sentenças SV com próclise não são diferentes estágios do processo de mudança no PB. Antes, defendem a hipótese de que tal alteração no contínuo temporal na passagem do século XIX para o XX pode ser interpretada como o reflexo de uma ruptura estrutural que caracteriza o PB como uma gramática do tipo-SV e sujeito nulo parcial que se diferencia do PCI, que era uma gramática do tipo-V2 com sujeito nulo. Nesse sentido, o que se observa na linha temporal nos textos brasileiros dos diferentes séculos são padrões instanciados por diferentes gramáticas do português em competição na escrita brasileira dos séculos XIX e XX, de modo que uma gramática (o PCI) vai gradativamente sendo substituída pela outra (o PB) num ambiente heterogêneo onde formas variantes assumem diferentes valores sociais.

Nos estudos em sintaxe diacrônica à luz da competição de gramáticas, como buscamos ilustrar com os resultados referentes a ordem do sujeito e colocação dos pronomes pessoais clíticos, as taxas de variação no curso dos séculos observadas em fenômenos distintos podem ser interpretadas como o reflexo de uma mudança gramatical. As alterações para uma ordem SV com próclise, no ambiente SclV, mais rígida na diacronia do português e na gramática do PB, são interpretadas como reflexo de uma alteração paramétrica e pode ser o reflexo de diferentes gramáticas, e não estágios de uma mudança numa mesma língua.

4 Sumário para um balanço crítico

Procuramos argumentar aqui que a grande diferença entre as duas fases na articulação entre a TVM e a Teoria Gerativa parece recair no problema da implementação. Para a sociolinguística paramétrica, a mudança pode ser capturada em andamento, seguindo o

que propõe WLH (2006 [1968]). Considerando que a mudança linguística é um processo (e por esse motivo está sempre em curso) e está diretamente “encaixada” a uma rede de fatores de ordem estrutural e social/estilísticas, para que possamos buscar respostas por que uma língua muda em uma direção e não em outra, ou em um tempo e não em outro, é necessário investigar a mudança sempre em movimento ou em curso. Assim propõe Labov (2001), que redireciona o problema para a mudança em curso. Por esse motivo, a questão da implementação nos remete necessariamente a todos os demais problemas empíricos, pois os condicionamentos (restrições) e o encaixamento devem ser observados, assim como a avaliação dos falantes sobre uma dada estrutura.

Este é o cerne do problema de implementação para o estudo da mudança: podemos observar a implementação no curso do processo da mudança (i.e. na propagação da mudança no curso do tempo e diretamente associada a todos os demais fatores de ordem linguística e social) ou apenas podemos observar a implementação depois que a mudança ocorre (i.e. na origem)? – tendo em vista que, uma vez que uma mudança se complete, uma nova mudança entra em curso, dado que o sistema é heterogêneo, e o processo é contínuo.

Nos estudos em sintaxe diacrônica, esse problema empírico é reinterpretado, de modo que nas duas fases dos estudos realizados no Brasil, podemos identificar dois momentos. No primeiro deles, os estudos de Tarallo (1991) e parceiros buscam conciliar a observação quantitativa na evolução de formas variantes à explicação teórica da motivação da mudança fornecida pela Teoria da Gramática – e à questão da implementação se colocam respostas para o processo em curso da mudança. Se voltarmos à famigerada curva em “S” nos estudos da mudança, a implementação se dá no processo gradativo de substituição de uma forma por outra no contínuo temporal.

Tarallo (1991), em defesa da adequação entre a Teoria da Variação e Mudança e a Teoria Gerativa para o estudo da mudança sintática, atenta para a necessidade da diferenciação entre origem e propagação. Nas palavras do autor, “[...] o imbricamento entre as variáveis internas a serem analisadas [no estudo da mudança sintática] reflete previsões e hipóteses teóricas orientando o elencamento dos fatos a serem testados” (TARALLO, 1991, p. 20). Nessa perspectiva, a adequação de estudos que utilizam ambas as teorias residiria no fato de o levantamento das variáveis internas – ou forças – que estariam na origem de uma mudança sintática (tendo em vista a Teoria Gerativa) deve estar associado à observação da propagação da mudança no curso do tempo (ancorada nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança).

Ainda sobre a adequação entre as teorias para o estudo da mudança, Tarallo estabelece uma diferenciação entre mudanças quantitativas e mudanças qualitativas. Nas palavras do autor, “[...] por mudança quantitativa, entendem-se [...] casos do contínuo diacrônico; a noção de mudança no sentido de ruptura estrutural, entretanto, remete a **diferenças qualitativas entre duas fases de um mesmo sistema**” (TARALLO, 1991, p. 16, grifo nosso). Fica fácil entender que por mudanças quantitativas se tomam aqui as mudanças nas taxas (nas frequências de uso) de formas variantes observadas empiricamente no curso dos séculos. Esse é um olhar para a mudança linguística sob as lentes da Teoria da Variação e Mudança linguística. Do mesmo modo, quando Tarallo (1991) faz menção às mudanças qualitativas – ou à ruptura estrutural – observadas entre duas fases de um mesmo sistema, o mesmo conceito de mudança proposto pela Teoria da Variação e Mudança linguística está presente.

A Teoria Gerativa ganhou muito na interpretação dos resultados em sintaxe diacrônica ao associar um modelo teórico de tratamento da mudança (baseado na aquisição da linguagem) a um modelo estatístico de tratamento dos dados, a TVM. Até o próprio conceito de mudança muda dentro do modelo gerativo: de uma “falha” no período da aquisição para uma remarcação paramétrica. Desse modo, na articulação entre diferentes teorias da mudança, as questões de restrições, encaixamento, transição e implementação, originalmente propostas como problemas empíricos para uma Teoria da Variação e Mudança linguística, ganham novas interpretações nos estudos em sintaxe diacrônica.

Assim, a maneira como os dois quadros teóricos são mobilizados difere daquela entendida pela sociolinguística – paramétrica praticada no Brasil – e pelo modelo de competição de gramáticas, de modo que o comportamento estatístico dos dados no período de mudança, a curva em “S”, é interpretada de maneira distinta entre os dois modelos: a curva em “S” é, para a Sociolinguística Paramétrica, a comprovação empírica de que a mudança sintática é gradual, enquanto para a competição de gramáticas, assinala a competição entre duas (ou mais) gramáticas distintas no curso do tempo.

5 Apresentação deste volume

O artigo que abre este volume, **Mudança sintática**, é a tradução para o português de um clássico nos estudos em sintaxe diacrônica, o texto “Syntactic Change”, de Anthony Kroch (2001), originalmente publicado em Baltin e Collins. A tradução foi feita por Silvia Regina de Oliveira Cavalcante (UFRJ) e revisada por Anna Lyssa do Nascimento Donato Machado. Decidimos incluir essa tradução no volume por dois motivos: trata-se de uma

homenagem ao professor Anthony Kroch, o precursor dos estudos sobre mudança via competição de gramáticas, que faleceu em abril de 2021; além disso, diz respeito a um texto clássico na literatura sobre mudança linguística, porque o autor apresenta uma revisão de pressupostos centrais do modelo de competição de gramática e correlaciona o estudo da mudança sintática na tradição gerativista aos problemas empíricos para o estudo da mudança linguística apresentados no artigo de Weinreich, Labov e Herzog, em 1968.

No segundo artigo do volume, intitulado **“Uma proposta formal para a reanálise do verbo *ir* no português brasileiro: de lexical a funcional”**, Paulo Ângelo de Araújo-Adriano assume o quadro teórico da gramaticalização no quadro gerativista de Roberts e Roussou (2003) e Roberts (2007) e defende que o verbo *ir* sofreu um processo de reanálise na história do português brasileiro: de verbo lexical a funcional, houve um estágio em que, antes de expressar futuridade (um evento em potência), o verbo *ir* passou por um estágio em que veiculava prospecção – uma ação que ocorre imediatamente antes da fala. Nesse processo, emergiram no verbo *ir* perda de traços formais e sua lexicalização ascendente das projeções funcionais.

O artigo **“O fronsamento do objeto direto na diacronia do português europeu”**, de autoria de Carlos Alberto Gomes dos Santos e Cristiane Namiuti, traz uma investigação do fronsamento de sintagmas nominais acusativos não clíticos em orações subordinadas completivas em textos dos séculos XII ao XIX. Os resultados apontam para uma baixa frequência do fronsamento do objeto direto (OV, SOV, OSV e OVS) no contexto das orações subordinadas completivas finitas na história do português.

No texto **“A ordem VSO com verbos transitivos em dados jornalísticos diacrônicos do português europeu e do português brasileiro”**, Aline Peixoto Gravina apresenta uma análise quantitativa, a partir de textos jornalísticos brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX, e teórico-interpretativa da ordem VSO com verbos transitivos em sentenças finitas no PE e PB. Os resultados mostram que essa ordem é um contexto restrito em ambas as gramáticas e está associada a critérios de leituras de juízo tético, na sua maioria atrelados à noção de evidencialidade e indícios de realização da ordem VSO por dupla focalização (foco informacional e foco contrastivo).

Em **“A influência espanhola na natureza lexical da marcação diferencial de objeto no português antigo”**, Aline Jéssica investiga a natureza lexical dos objetos marcados por uma preposição como instâncias da Marcação Diferencial de Objeto (MDO) no português antigo e a sua relação com a influência da língua espanhola. A análise mostra que a MDO pode ser desencadeada por pronomes plenos, pronomes de tratamento, títulos de nobreza e certos DPs, como nomes de divindade e nomes próprios.

No quinto artigo, nomeado **“O preenchimento do sujeito pronominal em dois recortes do século XX: uma análise em dados escritos da cidade de Manaus (AM)”**, Anderson Luiz da Silva Farias e Flávia Santos analisam o preenchimento do pronome sujeito em anúncios jornalísticos do Amazonas em dois recortes do século XX. Mostram que a tendência ao preenchimento do sujeito, diagnosticado no português brasileiro em outras regiões, também se faz presente no português na região norte do Brasil e se associa às variáveis “sujeito nulo”, recorte temporal e pessoa do discurso.

No artigo **“A implementação do *você* no português brasileiro: evidências da língua escrita”**, Márcia Cristina de Brito Rumeu e Dinah Maria Isensee Callou, seguindo a proposta teórica de mudança em tempo real de média duração, mostram a implementação do pronome *você* em cartas pessoais de duas missivistas cariocas dos séculos XIX e XX. Nesse quadro, ocorre uso quase categórico de *você* no final do ano de 1940, com um comportamento numa mesma direção na implementação desse pronome com alguns padrões distintos de uso motivados por diferentes redes sociais a que pertenciam as missivistas.

O título **“Os caminhos do subsistema de tratamento pernambucano à 2ªps: as relações nas cartas de amor dos anos 1950 em duas variedades”**, de autoria de Elizabeth Christina Cavalcante da Costa, Tallys Júlio Souza Lima e Cleber Ataíde, traz a público um mapeamento das formas tratamentais *tu versus você* na função de sujeito em cartas pessoais escritas na capital e no alto sertão do estado de Pernambuco, no Nordeste brasileiro, no curso da segunda metade do século XX. O mapeamento confirma a preferência pelo pronome *você* no litoral pernambucano e uma distribuição proporcional dos pronomes no alto sertão.

No artigo **“Um estudo pancrônico sobre o verbo “lacrar” a partir dos processos de semanticização, lexicalização, gramaticalização e discursivização”**, Vanessa Leme Fadel apresenta uma análise sócio-histórica do verbo “lacrar” em português.

Os três últimos artigos, que fecham o volume, trazem análises voltadas ao contínuo sócio-funcional. Em **“Concordância verbal, difusão da mudança linguística no contínuo rural-urbano e mudança em curto espaço de tempo”**, Silvana Silva de Farias Araújo e Raquel Meister Ko Freitag exploram o comportamento da concordância verbal com a terceira pessoa do plural em Feira de Santana (BA) e sugerem fronteiras geográficas e sociais bem-demarcadas quanto ao traço da concordância verbal padrão na Bahia.

No artigo **“Mudança construcional em predicções com verbo-suporte”**, Pâmela Fagundes Travassos e Marcia dos Santos Machado Vieira mostram uma análise

de predicadores complexos verbo-nominais com o verbo *dar* em textos jornalísticos brasileiros dos séculos XX e XXI.

No artigo “**Os estágios de insubordinação em construções condicionais com a conjunção *se* no português: evidências históricas**”, Maria Carolina Coradini e Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale buscam explicações históricas para as construções condicionais insubordinadas com a conjunção *se* no português, observando textos dos séculos XVI ao XX, e defendem que essas construções tendem a se especializar e operar no domínio pragmático, por exemplo, como um mecanismo de polidez.

Com a certeza de que os artigos ora publicados neste volume apontam para questões importantes para os estudos em sintaxe diacrônica no Brasil, desejamos a todos uma excelente leitura!

Referências

- BERLINCK, R. A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. 1988. 265f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.
- BERLINCK, R. A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989. p. 95-112.
- BERLINCK, R. A. *La position du sujet en portugais: étude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Leuven, Belgium, 1995.
- BERLINCK, R. A. Brazilian Portuguese VS Order: a diachronic analysis. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2000. p. 175-194.
- BERLINCK, R. A. *et al.* Mudança sintática e a história do português brasileiro nos séculos XIX e XX. In: SÁ JÚNIOR, L. A.; MARTINS, M. A. (org.). *Rumos da Linguística Brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 2016. v. 1. p. 155-188.
- BERLINCK, R. de A.; COELHO, I. L. A ordem do sujeito em construções declarativas na história do português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (org.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 308-381.
- BRAGA, M. L. *A concordância de número do sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 1977. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

- CAVALCANTE, S. R. O. *O uso de SE com infinitivo na história do português: do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- COELHO, I. L. Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB. In: RAMOS, J. (org.). *Estudos sociolinguísticos: quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE; Editora da UFMG, 2006. p. 84-99.
- COELHO, I. L.; MARTINS, M. A. A diacronia em construções XV na escrita catarinense. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 73-90, jan./jun. 2009.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: ARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. 19-34.
- DUARTE, M. E. L. O papel da Sociolinguística no (re)conhecimento do português brasileiro. *Revista LETRAS*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 15-30, 2013.
- DUARTE, M. E. L. O papel da linguística na evolução dos estudos gramaticais no Brasil. In: SÁ JÚNIOR, L. A.; MARTINS, M. A. (org.). *Rumos da Linguística Brasileira no Século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 19-42.
- DUARTE, M. E. L. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 15, p. 124-140, 2019.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- GALVES, C.; BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Clitic Placement in European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n. 1, special, 2005.
- GALVES, C.; ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019.
- GÖRSKI, E.; MARTINS, M. A. R. Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa. *Revista da Anpoll*, São Paulo, v. 52, 2021.
- KATO, M. A. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intra-linguística. In: DA HORA, D.; CHRISTIANO, E. (org.) *Estudos Linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 95-106.
- KATO, M. A. *et al.* Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; SILVA, R. V. M. E. (org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2006. p. 413-438.
- KATO, M. A. ROBERTS, I. (org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- KROCH, A. Syntactic Change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts: Blackwell, 2001. p. 699-729.

- KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change*, n. 1, p. 199-244, 1989.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, W. *The stratification of English in the New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1982.
- LOBO, T. C. F. *A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto*. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.
- MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. 1994. Tese (Doutoramento em Letras) – Universidade de Lisboa, 1994.
- MARTINS, M. A. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. 326p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MARTINS, M. A. *A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do português*. Natal: EDUFRN, 2012.
- MARTINS, M. A. Gramática ou gramáticas do português brasileiro? O problema da implementação na mudança sintática. *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, p. 9-27, 2013.
- MARTINS, M. A.; COELHO, I. L.; CAVALCANTE, S. R. O. Variação sintática e gerativismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 221-247.
- MARTINS, M.; CAVALCANTE, S. R. O.; COELHO, I. L. Ordem do sujeito e colocação de clíticos na escrita brasileira dos séculos XIX e XX. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 62, 2020.
- MOLLICA, M. C. M. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, C.; NUNES, J. H. (org.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006. v. 3. p. 11-48.
- PAGOTTO, E. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- ROBERTS, I. KATO, M. A. *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1. ed. 1993] 2. ed. 1996.
- ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic change: a Minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ROBERTS, I. *Diachronic Syntax*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. 158p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

TARALLO, F. Zelig: um camaleão lingüista. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 127-144, 1986.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, Belo Horizonte, v. 13, p. 51-84, 1987.

TARALLO, F. Uma estória muito mal contada. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 265-272, 1988.

TARALLO, F. Reflexões sobre o conceito de mudança linguística. In: *Organon*, v.18, pp. 11-22, 1991.

TARALLO, F.; KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. *Preedição*, Campinas, n. 5, p. 315-353, 2007 [1989].

OMENA, N. P. de. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. 1978. 138f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1978.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

